

GESTÃO ESCOLAR E PANDEMIA: ANTIGOS E NOVOS DESAFIOS NA UTILIZAÇÃO DE AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Data de aceite: 02/07/2024

Gabriela Cruz Tavares

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias atualmente estão inseridas em nosso cotidiano, sendo imprescindíveis na comunicação. Os avanços tecnológicos são perceptíveis e segue adentrando todas as áreas de ensino, inclusive dentro da matemática. O que significa dizer que esses avanços consideráveis no âmbito tecnológico, consequentemente avanços para novas possibilidades de ensino, principalmente na área da matemática, onde já conseguimos observar uma vasta variedade de aplicativos, sites, programas e jogos que são utilizados em computadores, tablets e smartphones e que oferecem um significado especial na construção do conhecimento, dentro e fora de sala de aula. Disto, o nosso trabalho dialoga sobre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem e as ferramentas digitais educacionais, os quais temos um crescimento histórico de sua utilização na década de 90.

A pandemia do covid-19 que ainda estamos atravessando impactou a todos e todas, sobretudo no âmbito educacional, trazendo à vista diversos questionamentos. Dentre essas indagações temos o papel da gestão escolar assim como do direito educacional, afinal eles são responsáveis pelo bom andamento do desenvolvimento educacional.

Para que possamos desenvolver com exatidão nossa pesquisa, precisamos conhecer a doença viral que modificou a vida, e sobretudo o chão da escola. Assim, a Covid-19 é uma doença que inicialmente apareceu na China por volta de dezembro de 2019, onde as pessoas acometidas com esse vírus apresentam um quadro clínico com danos aos pulmões, e que como acompanhamentos atualmente tem uma taxa alta de mortalidade, principalmente entre idosos e pessoas com quadro de doenças respiratórias.

O novo coronavírus da China se alastrou para o mundo, com recordes de óbitos em várias partes do planeta, tendo o Brasil atingido recentemente a marca de

mais de 100 mil mortos pelo vírus. Em curto tempo o vírus obrigou até mesmo as grandes nações traçarem planos de isolamento social e mudanças severas na convivência social, tendo destaque como medida severa o fechamento das escolas pelo mundo, ponto esse que devemos deixar claro que foi essencial para que o número de mortos não fosse ainda mais elevado.

Com o fechamento das escolas surgiram novos problemas ou apenas revelaram os antigos, nisso observamos que a escola além de ambiente educacional também era a única forma de acesso a alimentação por exemplo de alunos de baixa renda, ou mesmo era abrigo seguro para crianças e adolescentes que sofriam abusos e negligência em suas famílias. Muitas dessas crianças e adolescentes talvez nunca mais retornem para a escola, trazendo à tona a questão da evasão escolar. A escola pública mesmo com todas as suas dificuldades financeiras e educacionais ainda é uma porta de entrada para sujeitos que buscam uma melhoria de vida, não somente pessoas em idade escolar regular, mas também de adultos e idosos que foram privados de uma educação regular por inúmeros motivos.

Nisto, seguindo os passos de várias empresas e repartições públicas e privadas, as escolas tiveram que se adaptar ao *home office*, portanto sendo a primeira estratégia de contenção do novo coronavírus pelos governantes, pois era preciso se evitar o contato físico. Transformado a educação em uma das áreas mais afetadas pelas medidas de isolamento social exigidas pelo Estado. Assim, as aulas de escolas e universidades no Brasil foram suspensas por período indeterminado. A proposta de aulas virtuais foi a solução encontrada para que os alunos não perdessem totalmente a rotina de estudo, sendo uma tentativa envolta em críticas e em comentários positivos.

Porém, de forma infeliz, o que podemos observar é que a educação remota proposta pelo governo em suas diversas esferas, não atingirá todas as residências brasileiras, já que segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet, o que representa cerca de 46 milhões de brasileiros.

Nossa pesquisa caminha a partir de uma metodologia qualitativa, adotando a revisão bibliográfica como metodologia para desenvolvimento do trabalho. Sobre essa metodologia Boccato (2006) descreve como a busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas, e para além disso a aplicação de um questionário com gestores do Maciço de Baturité-CE sobre o uso da tecnologia nas aulas de suas intuições. Salientando que esse tipo de pesquisa trará elementos para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

De tal forma, o panorama educacional no país se apresenta de forma dessemelhante, onde muitas das vezes a própria escola não possui de uma internet razoável ou mesmo os seus professores não possuem formações para as tecnologias. Além de que, dentro

de um formato virtual, temos alunos apenas recebendo conhecimento. Onde Gergen (2007) realça que esse modelo aponta para uma hierarquia de produção do conhecimento. Representando por um sistema em que os professores produzem e os alunos apenas “recebem” de forma passiva aquele conhecimento, trazendo impactos para o processo de ensino-aprendizagem.

O gestor escolar é o mais cobrado dentro desse formato virtual trazido pela pandemia, colocando esse profissional no centro da escola e que muitas das vezes será culpabilizado pelo não êxito de sua escola. É preciso observar com afetividade os gestores escolares que passam por um contexto que ninguém poderia imaginar. Assim, a motivação para a nossa pesquisa se aprofunda no desejo de valorizar o papel da gestão escolar em meia a pandemia do Covid-19, como também trazer para a academia trabalhos relevantes para a nossa área.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir discute-se os elementos constituintes do processo de gestão escolar na educação básica, os cenários para gestão e a influência do período pandêmico na construção das rotinas, metas e processos escolares.

2.1. ENTENDENDO O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR: ANTIGOS E NOVOS DESAFIOS.

O debate a respeito da gestão da educação básica em solo brasileiro apresenta-se a partir de várias conjecturas, assim como entendimentos e cenários difíceis, articulados aos sistemas de ensino. Nesse sentido, é essencial situar os eixos que permeiam a presente análise sobre gestão, no tocante à concepção, formação e financiamento da educação.

A educação pública de qualidade nasce no berço da escola realmente, para que ela venha a acontecer o papel do gestor escolar é colocado em centralidade, é esse profissional que vai realmente executar as metas e planos repassados por seus superiores. Sendo esse gestor que revelará se as estratégias traçadas pelos governantes são benéficas para a sua escola, esse profissional sempre será responsabilizado pelo êxito ou pelo que o Estado irá considerar como fracasso.

A escola pública é um ambiente de formatações diversas, assim como a escola privada. No entanto, as instituições de ensino privado seguem por uma formatação baseada no desempenho crescente de seus alunos, no sentido de que buscam sempre as maiores altas, resumidamente as melhores notas representarão os vitoriosos. E já na escola pública o fato de que o aluno continua frequentando a escola já é um avanço. É claro que os cenários nas escolas públicas são diversos, partindo de escolas que conseguem mesmo com poucos recursos serem referência em seu ensino, ou teremos escolas que os professores são impedidos de dar suas aulas por conta da criminalidade.

O capital tanto no ensino público como privado é essencial para que a escola consiga se manter funcionando, e quando falamos em funcionamento estamos falando desde políticas públicas para que o aluno consiga está na escola, até chegar também na formação de professores e gestores. A formação de gestores e de professores é algo que deveria ser constante, não somente dentro da rede pública. Em suma, os gestores atuantes já passaram por uma sala de aula, mas talvez o tempo dentro desse ambiente não expandiu seus olhares para os problemas vivenciados pelos docentes e discentes.

De tal maneira precisamos levar em consideração a ação das políticas de financiamento e regulação da educação, uma vez que os processos de gestão educacional e escolar são intimamente induzidos pela lógica decorrente do financiamento adotado, resultante da caracterização do Estado e da articulação entre as esferas pública e privada.

Sobre isso Dourado (2006) traz a seguinte indagação:

[...] o embate entre o público e o privado, é necessário ressaltar que os seus desdobramentos efetivos se vinculam a determinações estruturais de uma dada realidade, indicando, assim, a configuração assumida pelo Estado, o seu alcance jurídico-político-ideológico e as instituições que o compõem (...). O embate entre o público e o privado, no campo educacional, revela a persistência de forças patrimoniais na educação, favorecendo, dessa forma, várias modalidades de privatização do público. (DOURADO, 2006, p. 282-283)

Dourado (2006) a partir desse trecho nos mostra que a escola não é feita apenas de professores e alunos, mas sim de diversos profissionais. E que além de tudo o autor salienta que a gestão educacional é feita por fatores intra e extraescolares. Assim, a democratização dos processos de organização e gestão deve considerar as especificidades dos sistemas de ensino, o autor ainda fala que os graus progressivos de autonomia das unidades escolares a eles vinculados, e representando pela busca a participação da sociedade civil organizada, especialmente o envolvimento de trabalhadores em educação, estudantes e pais.

Gadotti (2004) fala sobre os diretores:

Outro aspecto que merece destaque neste trabalho é o fato de que a atual prática gestonária nas escolas acaba exigindo dos diretores uma dedicação maior, e às vezes plena, às questões administrativas, obrigando-os a tornar secundário o aspecto mais importante de sua atuação, ou seja, a sua responsabilidade em relação a questões pedagógicas e propriamente educativas, que se reportam à sociedade como um todo, e, especificamente à sua comunidade escolar. (GADOTTI, 2004, p. 92).

Corroborando com o pensamento de Dourado (2006) fazemos um paralelo com dois grandes autores, um sendo Scocuglia(1999) e outro o nosso aclamado Paulo Freire. A qual, temos dentro da obra de Paulo em *Pedagogia do Oprimido, onde segundo Scocuglia(1999)* é possível ver as aproximações de Paulo Freire com os ideais marxistas, com ênfase nas questões relacionadas aos conflitos entre as classes sociais. Também, na mesma

obra, Freire passa a ver a politicidade do ato educativo, ainda que este seja posto como “aspectos” políticos (SCOCUGLIA, 1999).

O sistema capitalista consegue adentrar em todos os campos, onde precisamos refletir a respeito de uma escola pública capitalizada, não somente relacionado aos valores financeiros, mas a questão de metas e mais metas a serem cumpridas, a números e mais números que precisam ser superados.

Com isso chegamos ao debate central desse tópico, partindo da ideia de que o gestor tem um papel basilar dentro da escola, para que possamos nos aprofundar dentro da gestão escolar antes precisamos compreender o que seria a mesma. É importante discuti sobre a relação de poder, a qual é necessário falarmos sobre a autoridade do gestor escolar, de tal modo trabalhando também a autoridade no interior da escola, refletindo de que ela consistia em uma ferramenta para possibilitar o funcionamento e a autonomia da escola.

A respeito desse pensamento de Paro (2005) cita que:

Mas, se a transformação da autoridade no interior da escola for entendida como uma quimera, se a participação efetiva das camadas trabalhadoras nos destinos da educação escolar for uma utopia no sentido apenas de sonho irrealizável, e não no sentido que falando de escola como algo que possa contribuir para a transformação social e, definitivamente, devemos deixar cair as máscaras e as ilusões com relação à escola que aí está e partir para outras soluções, ou então cruzar os braços e esperar passivamente que os grupos dominantes, por meio de suas “reformas” e acomodações” de interesses, continuem nos fazendo engolir as soluções paliativas dos que os mantêm permanentemente no poder. (PARO, 2005, p. 14)

Brito e Carnielli(2011) trazem um olhar sobre a escola a partir de ideias administrativas, assim os autores observam a escola como organização, e está como tal uma vez que é formada por um conjunto de pessoas, alunos, professores, coordenadores e funcionários que desenvolvem um trabalho em conjunto com o objetivo organizacional de formar cidadãos aptos a atuarem e contribuir para o bem comum da sociedade onde todos estão inseridos. Sendo assim, para alcançar o seu objetivo, uma escola é passível de ser administrada através das ferramentas que estão previstas no processo administrativo, e que envolvem as atividades de planejamento, organização, comando, controle e coordenação (Brito e Carnielli,2011).

A administração em sua conceituação clássica é entendida como o processo de planejar, organizar, comandar, controlar e coordenar. A primeira etapa do processo administrativo, o planejamento, pode ser entendida como a formulação dos objetivos organizacionais e dos meios para alcançá-los. Sendo assim, o planejamento envolve a definição da missão organizacional, a formulação de objetivos e dos planos necessários para alcançá-los e a programação de atividades. A etapa de organização envolve a alocação de recursos, a divisão de trabalho, a designação de atividades em órgãos e cargos e a definição de autoridade e responsabilidades. A etapa de comando envolve a designação

de pessoas, a motivação, a liderança e a orientação na execução das atividades. Na fase de coordenação é feito o processo de ordenamento dos esforços. E na fase de controle há a definição de padrões, o monitoramento e avaliação de desempenho e a correção de desvios. (CHIAVENATO, 2000).

E já para Costa (2007), a gestão pode ser percebida como a prática administrativa que define e direciona as políticas e o uso dos recursos - financeiros, materiais, de informação, tecnológicos, humanos, parcerias e alianças para o alcance da finalidade. O que em linhas gerais o autor descreve que a força física e a inteligência humana aplicadas ao trabalho. Valorizando que uma boa gestão escolar traz benefícios não somente para a escola enquanto organização, mas também para toda a comunidade ao seu redor.

2.2 AS TECNOLOGIAS NOS AMBIENTES ESCOLARES

A presença e introdução das tecnologias no ambiente escolar vem acontecendo com maior intensidade atualmente do que em outros tempos. Isso se dá em parte por um desenvolvimento crescente das tecnologias, mas também pela acessibilidade crescente a elas. Contraditoriamente, a crise sanitária ocasionada pelo período da pandemia gerou um contexto que impossibilitava o contato físico, sendo essencial o distanciamento social, por uma imposição do tempo e presença em forma de virtualidade.

As tecnologias já faziam parte da realidade dos alunos, porém muitos ainda não possuíam tanto acesso a esses meios e outros, mesmo na Pandemia, continuaram assim. De tal modo, o desempenho do professor saiu da função de gerir uma sala de aula presencialmente, para atuar em uma realidade virtual de ensino, tornando-se uma ação pedagógica que deve abordar sobretudo a demanda tecnológica, favorecendo o processo de ensino aprendizagem, no qual o foco não está apenas centrado na forma de ensinar, mas também está centrada na forma de aprender dos alunos.

Moran(2003), discorre:

Quando falamos em tecnologias costumamos pensar imediatamente em computadores, vídeo, softwares e Internet. Sem dúvida são as mais visíveis e que influenciam profundamente os rumos da educação. Vamos falar delas a seguir. Mas antes gostaria de lembrar que o conceito de tecnologia é muito mais abrangente. Tecnologias são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. [...] O giz que escreve na lousa é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem. A forma de olhar, de gesticular, de falar com os outros também é tecnologia. O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente. O gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo também são tecnologias importantes e também muito mal utilizadas, em geral. (MORAN,2003, p. 1)

O uso das tecnologias para enfrentar um déficit na aprendizagem de jovens e adultos no Brasil, mostrou de forma crua que a escola ainda tem muitos desafios pela frente, e que

o professor ganhou mais um desafio. Que no caso seria o aumento do índice de evasão escolar, ao passo de que muitos gestores não conseguiram manter seus alunos em aulas on-line, caindo esses dados nos ombros dos docentes, não pelo fato de serem péssimos no que fazem, mas sim por diversos fatores que fogem da competência da escolar. A escola que antes formava para a cidadania não consegue nem chegar até seus alunos em suas casas, é uma realidade próxima até mesmo dos professores. Afinal, computador e celular mesmo sendo aparelhos que fazem parte da rotina tecnológica não chegam até as classes mais baixas. Outro fator importante é a internet, pois muitos dos alunos só tinham acesso à rede quando estavam na escola, então como manter uma escola cidadã se ela não está conseguindo manter seus alunos.

As novas tecnologias são incorporadas rapidamente em nossa sociedade, sendo que no ambiente escolar ainda existe uma grande lentidão nessa incorporação da tecnologia. Hora pelo fato de ter um valor de investimos que muitas das vezes não cabe no orçamento de escolas públicas. Outra ausência observada a respeito do uso das tecnologias está relacionada com a participação dos gestores nos cursos de qualificação para o uso das novas tecnologias, no sentido de que possam incentivar a presença da tecnologia no contexto administrativo e pedagógico na escola, ou seja, os gestores precisam participar do processo de inclusão digital ou de alfabetização tecnológica.

Sobre isso, Pretto (1996) apresenta:

[...] “não podemos pensar que a pura e simples incorporação destes novos recursos na educação seja garantia imediata de que se está fazendo uma nova educação, uma nova escola, para o futuro [...] vivemos um momento histórico especial, em que surgem novos valores na sociedade”. (PRETTO, 1996)

Entretanto, a pandemia trouxe inúmeros desafios para a educação, entre esses contratempos está relacionado aos nossos docentes, especificamente àqueles que mesmo com um domínio e experiência docente, hoje se desafiam por novas tecnologias, o que acaba por evidenciar uma verdadeira “aversão” em desenvolverem atividades com o auxílio de tais artefatos tecnológicos. Algo que também podemos ligar aos alunos.

2.3 Ambientes Virtuais de Aprendizagem e Ferramentas Digitais.

Este tópico dialoga sobre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem e as ferramentas digitais. Nisto, historicamente temos o marco dos AVAs no início na década de 90. Com isso não estamos subjugando as origens da Educação a distância, mas fazendo um recorte pertinente ao que pretendemos desenvolver neste capítulo.

A partir de Araújo Júnior e Marquesi (2008) o AVA é entendido como um se tratando de um ambiente de simulação do espaço de aprendizagem presencial, onde os mesmos são criados para possibilitar que docentes e estudantes tenham aproximação de ensino aprendizagem, corroborando para que o distanciamento físico/presencial seja minimizado

e o educando tenha acesso ao conhecimento, de tal forma, o espaço virtual oferece uma interatividade e compartilhamento educacional. Sobre isso, Alves (2009) completa essa conceituação ao descrever o ambiente virtual de aprendizagem como um espaço online integrador de uma diversidade de dispositivos que possibilitam aos usuários uma maior comunicação com os colegas de turma, com o professor/tutor e com os conteúdos e atividades disponibilizadas.

Os novos paradigmas epistemológicos apontam para a necessidade de criação de espaços que privilegiam a interação entre professores e estudantes na construção do conhecimento, através da dialogicidade, interatividade intersubjetividade. Isto requer uma nova concepção de ambientes/comunidades de aprendizagem, que se constituam como ambientes virtuais de aprendizagem (OKADA; SANTOS, 2004).

Diante do exposto, entendemos que nos AVAs o professor é o mediador do conhecimento através de chats-online, aulas interativas, tira dúvidas, fórum de discussões, ou utilizando dispositivos conjuntivos, como fóruns, Wikis, chats, e dispositivos emissores, como vídeos, textos e slides. Dentre essas possibilidades de interação, os estudantes realizam o seu autoestudo e o professor torna-se mediador entre o sujeito que aprende e os conteúdos trabalhados.

De acordo com Santos (2003), estes conteúdos são necessários ao aprendizado à distância, afirmando que:

A aprendizagem mediada pelo AVA pode permitir que através dos recursos da digitalização várias fontes de informação e conhecimento possam ser criadas e socializadas através de conteúdos apresentados de forma hipertextual, mixada, multimídia, com recursos de simulações. Além do acesso e possibilidades variadas de leituras o aprendiz que interage com o conteúdo digital poderá também se comunicar com outros sujeitos de forma síncrona e assíncrona em modalidades variadas de interatividade: um-um e um-todos, comuns das mediações estruturadas por suportes como os impressos, vídeos, rádios, TV, e principalmente, todos-todos, própria do ciberespaço. (SANTOS, 2003, p. 4)

Atualmente existem diversos AVAs pelo ciberespaço, contudo para efeito de nossa pesquisa, temos o MOODLE, que é um ambiente virtual voltado para a aprendizagem colaborativa de acesso livre e gratuito a qualquer indivíduo com variados recursos disponíveis para auxiliar na interação e desenvolvimento das atividades. Este foi concebido por Martin Dougiamas, em 2001. É um sistema de administração de atividades educacionais destinado às comunidades on-line em ambientes virtuais voltados para a aprendizagem colaborativa, permitindo que estudantes e professores se integrem, de forma simplificada, seja estudando ou lecionando.

No contexto da pandemia da COVID-19, o uso das plataformas digitais, em especial o Google Meet, se fez muito necessária para o processo de interação entre os professores, alunos e sobretudo no campo da gestão escolar. Entretanto, o uso dessa ferramenta mostrou que o sistema educacional brasileiro não estava preparado para uma transição,

surpreendendo governo, secretarias, escolas e docentes, que em curto prazo tiveram que se adaptar a uma nova modalidade que causou grande impacto no processo de ensino-aprendizagem, pois a grande maioria dos docentes e alunos nunca haviam tido contato com essas ferramentas educacionais. (SENHORAS, 2020;DIAS; PINTO, 2020).

De acordo com Vale (2020), o uso do Google Meet como ferramenta de ensino aprendizagem, possibilita uma vasta interatividade promovendo atividades colaborativas, utilização de quiz e gamificação, bem como fazer o processo de associação com diversas outras ferramentas que ajudam a organização da sala de aula.

3. METODOLOGIA

Para a realização de nossa pesquisa tivemos como ferramenta metodológica a aplicação de questionário com perguntas abertas e definidas previamente. Essas perguntas foram pré-definidas e aplicadas via documento word e enviado pelo e-mail dos gestores pesquisados e via aplicativo WhatsApp, onde o participante editava com as suas respostas e enviava de volta com o documento já convertido em PDF ou caso quisesse o pesquisador entregava o questionário e ele respondia e devolvia em seguida. Participaram da pesquisa 3 gestores de escolas Municipais da rede de ensino do Maciço de Baturité-Ceará.

Os gestores estudados optaram por não se identificarem e não falarem nomes das suas devidas instituições de trabalho, isto que é um direito do participante e de forma ética respeitaremos.

As perguntas do questionário foram as seguintes:

- Quais Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA foram utilizados para ministrar/acompanhar as aulas dos professores?
- Quais ambientes (AVA) foram mais adequados para o processo de ensino-aprendizagem?
- Quais ferramentas (aplicativos, meet, whatsapp, etc) além dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem foram utilizadas durante o ensino remoto para as aulas e reunião de cunho gestor?
- Quais as principais dificuldades presentes na gestão remota?

As perguntas foram elaboradas para que o participante tivesse espaço para trazer sua opinião como também nos trazer uma amostragem das ferramentas que mais foram utilizadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse tópico apresentamos os resultados e as discussões sobre o nosso objeto de investigação, com base nos formulários aplicados. Dentro do contexto pandêmico e agora essa pandemia já controlada, emerge o seguinte problema: “Como desenvolver atividades

pedagógicas, em particular manter uma gestão escola de excelência, sem fazer reuniões presenciais e ter os alunos e professores dentro da escola?” Uma alternativa encontrada por muitos países, inclusive para o Brasil, foi migrar as ações de gestão e ensino para plataformas online (ensino remoto) e utilizar tecnologias de informação e comunicação (TIC) e tecnologias digitais (TD), ambas comumente utilizadas na educação a distância.

No contexto brasileiro, acreditar que a simples implementação da transição da educação presencial para a distância resolverá os problemas é uma grande ilusão, pois mesmo diante de um leque de possibilidades, enfrentamos grandes desafios, pois procuram estar presentes em parte durante este estudo, onde abordamos um pouco ambos os aspectos tratando particularmente daqueles relacionados ao ensino de Matemática.

A partir dessa colocação temos a gestor escolar entrevistado 01, onde o mesmo ao responder o questionário colocou que os Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA que foram utilizados por seus professores para ministrar/acompanhar aulas foi o Google Sala de Aula, sendo esse ambiente segundo o mesmo também seria o mais adequados para o processo de ensino-aprendizagem.

Sobre como os gestores organizaram sua escola para adentrar o campo virtual, os cinco relataram que a utilização dessas plataformas ocorreu por mediação da instituição e a secretaria de educação, como é no caso da utilização do Google Classroom, que foram as ferramentas adquiridas e compartilhadas pela instituição.

Precisamos lembrar que o Google Classroom é um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos. Ele é um recurso disponibilizado no Google Apps para a área de educação, sendo totalmente gratuito, necessitando apenas da existência de uma conta e-mail da Google, ou seja, um Gmail. Ainda nessa plataforma temos a possibilidade de criar turmas e solicitar que os alunos entrem através de um código gerado para o acesso. Nesse sistema, o docente pode contar com três menus, que são: mural, atividades, pessoas e notas, os quais oferecem vários recursos para o desenvolvimento de atividades educacionais.

Sobre isso, Moran (2007, p. 12) discorre que

[...] há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estarmos juntos e o estarmos conectados a distância. Mas, se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento. (MORAN, 2007, p.12)

Nesse sentido, temos o gestor escolar como sendo o conciliador entre as ferramentas ofertadas por sua instituição de ensino e a sua autonomia de criação de encaminhamentos

pedagógicos que harmonizem mediação entre os conhecimentos das disciplinas e os recursos da informática educativa adequados existentes, oferecendo aos docentes e ao discentes a apropriação do conhecimento mediante diferentes formas interação com o conteúdo da disciplina. De tal forma, precisamos salientar que a mediação do gestor escolar em todo o processo é imprescindível para a efetivação da aprendizagem, tendo em vista que os recursos tecnológicos ofertados pela instituição sozinhos não conseguem ser efetivos, isto é, não trarão um processo de ensino e aprendizagem de efetivo.

Seguindo nesse sentido, de acordo com os dados trazidos pelo questionário as ferramentas (aplicativos, meet, whatsapp, etc) além dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem utilizadas durante o ensino remoto, as ferramentas citadas em todas as respostas dos docentes foram: Google meet, Google formulários, Active Present, Wordwall, Canva.

De acordo com os gestores escolares entrevistados os mesmos tiveram algumas dificuldades levantadas:

“Motivar os alunos a participarem efetivamente das aulas.”

(gestor escolar entrevistado 05.)

“Inicialmente a pouca experiência com todos os recursos que precisei utilizar no ensino remoto. Os pais e os alunos não **conheciam os novos recursos, inclusive muitos dos meus** professores precisam buscar conhecimento sobre essas plataformas.

(gestor escolar entrevistado 04.)

“A maior dificuldade foi participação dos alunos nas aulas, fazer com que eles participassem ativamente das aulas e falta de interação entre professor e aluno.”

(gestor escolar entrevistado 03)

“As principais dificuldades que tive foram: Manter os alunos motivados em frente ao dispositivo no qual assistiam aulas e utilização de ferramentas que permitiam a visualização das contas e escritos em matemática.”

(gestor escolar entrevistado 02)

Diante dessa pergunta geradora, o gestor escolar entrevistado 01 trouxe para o centro da discussão a questão da “Conectividade” como sendo a sua única dificuldade nesse processo de gestão escolar remota. Encontramos aqui uma dificuldade pertinente em relação ao uso das tecnologias digitais nas práticas educacionais, este sendo a ocorrência de que uma grande parcela dos discentes não possuem contato com a informática em suas casas, ou como levantado pelo gestor escolar entrevistado 01, os educandos não possuem acesso aos equipamentos e conectividade viável para assistirem às aulas. Uma realidade que segundo alguns gestores escolares entrevistados não se modifica em relação aos seus

professores, pois, muitos docentes não conseguiram participam das reuniões remotas pelo fato de que alguns residem na zona rural, um local de serras e que o sinal de internet e de telefonia móvel é um problema constante.

Sobre essa tratativa, Coscarelli (2002), afirma que está problemática poderia ser diminuída com a implantação de informática nas escolas:

Muitos professores argumentam que a informática não é a realidade dos alunos. Esta é uma forte razão para se usar a informática na escola. Se em casa o aluno não vai ter acesso a esse equipamento, e conseqüentemente ao aprendizado que ele possibilita, é dever da escola viabilizar o acesso do aluno ao computador. O mundo profissional tem cobrado dos trabalhadores de todas as áreas conhecimento de informática, portanto, não dar esse conhecimento ao aluno é deixá-lo desde já fora do mercado de trabalho.

(COSCARELLI, 2002, p.25)

Um dos grandes problemas da implementação de aulas remotas no Brasil é sobretudo a equidade, ou seja, existe um grande quantitativo de discentes que vivem em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, estes não possuindo condições de acesso básicos a cursos online, ou mesmo por falta de internet de qualidade, ou como dito os equipamentos como computadores, smartphones, para além disso um espaço físico apropriado para assistir às aulas.

Nesse sentido:

[...] os maiores desafios são: a grande desigualdade no acesso à internet pelos estudantes; as dificuldades dos professores em desenvolver atividades remotas; as desigualdades no índice socioeconômico das escolas que também se revela na desigualdade da sua infraestrutura. Também fica claro que, em geral, as escolas das redes públicas não fazem o monitoramento do aprendizado das atividades não presenciais.

(BRASIL, 2020, p. 6)

O outro fato levantado pelos gestores escolares pesquisados é a desmotivação dos discentes em relação a aula, afinal a escola só funciona se tiver a presença dos alunos, mesmo que de forma virtual. Ao passo de que compreendemos que essa falta de interesse dos discentes as aulas apresentam o cenário de uma acessibilidade restrita ou muitas das vezes inexistentes, pois alguns alunos moram em localidades sem conectividade a internet. Assim, o modelo de aula em que o professor pode estar online ao mesmo tempo que os alunos, ou mesmo dentro de uma “sala de aula virtual”, não pode ser algo concreto em todas as redes de ensino devido ao colocado anteriormente, que é a dificuldades de acesso à internet, ou como os relatos coletados nas respostas dos estudantes como logo abaixo:

“Dificuldades em lentidão na Internet que dificultavam de os alunos assistirem as aulas de forma síncrona. Em casa, geralmente não era um local adequado pra se assistir aula, pois tinha várias pessoas”.

(gestor escolar entrevistado 01)

“No meu caso foi a questão do equipamento adequado para ter aulas remotas, muitos dos meus professores não tinham equipamentos para darem suas aulas. Onde, apenas o celular era ferramenta de trabalho.

(gestor escolar entrevistado 02)

Esses relatos apresentados nos apresenta uma realidade sobre o ensino remoto que precisa ser debatida dentro das secretarias de educação, o que demonstra que os gestores escolares sentiram uma dificuldade gritante, ao passo de que a escola funciona a partir das ações de seus gestores, e estes foram extremantes cobrados e testados por todas estas questões postas aqui, pois muitos estudam sobre o ensino na pandemia se debruçam no papel do professor e do aluno, esquecendo da importância do gestor escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o contexto atual não favorece a educação brasileira, porém é preciso esclarecer que os gestores escolares estão trabalhando atualmente ultrapassando sua carga horária normal de trabalho, assim como os professores. É preciso sim formar profissionais que sejam capazes de projetar e utilizar as novas tecnologias e mídias em sala de aula, ou da forma virtual como estamos vivenciando. A qual, acreditamos que seja papel da universidade formar profissionais que compreendam de tecnologia, no entanto, a formação continuada em serviço deverá ser proporcionada pela escola, ou pelas Secretarias de Educação. Sendo assim, é papel do gestor educacional buscar parcerias junto às instituições de ensino superior, para a formação continuada em serviço de seus educadores, para que seja amenizada, ou sanada, esta deficiência na formação do educador. E o próprio gestor precisa também estar em formações, pois é relevante ser exemplo para os demais colegas.

Concluimos que, solitariamente as tecnologias não podem gerar mudanças, e tão pouco chegar à exatidão das aulas presencial, pois ainda acreditamos que o chão da escola é o melhor lugar para se aprender. Sua presença na rotina da escola exige a formação contextualizada de todos os profissionais envolvidos, de forma que sejam capazes de identificar os problemas e as necessidades institucionais, relacionadas à implantação e uso de tecnologias. Realizada a identificação, segue-se a busca de alternativas que lhes permitam a transformação do fazer profissional, com base em metodologias pautadas em novos paradigmas.

A partir dessa pesquisa tivemos como resultado a reflexão de que a escola e o seu gestor são capazes de superar todas as dificuldades encontrada com a pandemia, é que a sociedade precisa compreender que a escola continua sendo o melhor lugar para se aprender e a formar jovens críticos.

Saliento o valoroso trabalho que está sendo desenvolvido pelos colegas gestores, professores na assistência aos alunos e seus familiares nesse contexto pandêmico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn Rosalina Gama. **Game over: jogos eletrônicos e violência**/ Lynn Rosalina Gama Alves. – Salvador: L. R. G. Alves, 2004.

ALVES, L.R.G. Um olhar pedagógico das interfaces do Moodle. In: ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. (Org.) Moodle: Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso. 2009.

ARAÚJO JÚNIOR, C. F.; MARQUESI, S. C. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. (Orgs.). Educação à distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008. p.358-368.

ABAR, C. A. A. P. Teorias da transposição didática e informática na criação de estratégias para a prática do professor com a utilização de tecnologias digitais. ReviSeM, n. 1, p. 29- 45, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/ReviSe/article/view/11893>. Acesso em: 12 NOV. 2022.

ALMEIDA, M.; RUBIM, L. **O papel do gestor escolar na incorporação das TICs na escola: experiências em construção e redes colaborativas de aprendizagem. Gestão escolar e Tecnologias.** São Paulo: PUC-SP, 2004.

BRITO, Renato de Oliveira; CARNIELLI, Beatrice Laura. **Gestão participativa: uma matriz de interações entre a escola e a comunidade escolar.** Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 5, no. 2, p.26-41, nov. 2011. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

CARRAHER. Terezinha Nunes; CARRAHER. David William; SCHLIEMANN. Analúcia Dias. **Na vida dez na escola zero.** São Paulo: Cortez, 1995.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

COSTA, Eliezer Arantes da. **Gestão Estratégica: da empresa que temos para a empresa que queremos.** - 2. ed. – São Paulo: Saraiva, 2007.

COSCARRELLI, C. V. **A informática na escola.** Belo Horizonte FALE/UFMG, 2002.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. “A Educação e a Covid-19”.Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, vol. 28, n. 108, 2020.

DOURADO, L.F. **O público e o privado na agenda educacional brasileira.** In: FERREIRA, N.S.C.; AGUIAR, M.A.S. (Org.). *Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos.* São Paulo: Cortez, 2006d.

FERREIRA, Claudino Ferreira. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.6, N.10, 2010.

FAUNDEZ, A. O Poder da participação. São Paulo: Cortez, 1993.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. **Autonomia da Escola.** 6. ed. São Paulo: Cortez, (Guia da escola cidadã; v.1), 2004.

GERGEN, Kenneth. **Realidade e Relaciones: acercamientos a la construcción social,** 2007.

- LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. José C. Libâneo, João F. de Oliveira, Mirza S. Toshi-São Paulo: Cortez, 2003.
- MACHADO, Maria Aglaê de M. **Políticas e práticas integradas de formação de gestores educacionais** In: CONSELHO DOS SECRETÁRIOS ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO. Gestão educacional: tendências e perspectivas. São Paulo : Cenpec, 1999. (Série Seminários Consed).
- MORAN, J. M Gestão inovadora da escola com tecnologias. In: VIEIRA, Alexandre (Org.). Gestão educacional e tecnologia. São Paulo: Avercamp, 2003. p. 151-164.
- PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 3.ed. São Paulo, Ática, 2005.
- PRETTO, N, L. **Uma escola sem/com Futuro**. Rio de Janeiro: Papirus, 1996.
- SALES, M. V. S. Educação a Distância. Módulo I. Curso de Formação de Conselheiros Municipais de Educação. Salvador: Unilatus, 2019.
- SANTOS, Édméa Oliveira. Ambientes Virtuais de Aprendizagem: por autores livres, plurais e gratuitos. In: Revista FAEBA, v.12, n.18. Salvador, 2003.
- SENHORAS, E. M.(org.).Ensino remoto e a pandemia de COVID-19. Boa Vista:Editora IOLE, 2021.
- SOARES, E. M.; NARDINI, F.; GIRON, G. R. **Algumas implicações da transposição informática nos processos de ensino e aprendizagem da matemática**. Revencyt, v. 25, n. 26, p. 282-295, 2016.
- SANTOS, Ana Lúcia Felix dos. **Gestão democrática da escola: bases epistemológicas, políticas e pedagógicas**. Estado e Política Educacional/n.05. 2004. Disponível em www.scielo.com. Data de acesso: 8 de julho de 2010.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.
- OKADA, A.L.P.;SANTOS,E.O. Comunicação Educativa no Ciberespaço : utilizando interfaces gratuitas Revista Diálogo Educacional Curitiba. V. 4, N. 13, p. 161 -174, Set / Dez., 2004.
- PRETTO, N, L. **Uma escola sem/com Futuro**. Rio de Janeiro: Papirus, 1996.
- VALENTE, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: JOSE ARMANDO VALENTE. (Org.). Integração das Tecnologias na Educação. 1 ed. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância, 2005, p. 22-31
- VALE, L. M. "Aulas Remotas e as Ferramentas do Google". Portal Eletrônico Fluência Digital[28/08/2020].
- Disponível em: <<https://fluenciadigital.net.br>>. Acesso em: 20/01/2023.